

(RE)LEMBRANDO PADRE CÍCERO: MEMÓRIA, CLASSE SOCIAL E REGIÃO

Gerald Greenfield*

RESUMO

Quando o Padre Cícero morreu em 1934, previsões vaticinavam que seus seguidores iriam achar outro padre “milagroso”, que o “culto” à sua pessoa desapareceria e que a modernização do Nordeste levaria o povo a não mais acreditar em sacerdotes milagrosos. As previsões não se efetivaram e esse artigo enfatiza o poder da memória cultural, as mudanças na auto-imagem do Nordeste e o surgimento de novas correntes religiosas como elementos que explicam a preservação e ampliação da figura do Padre Cícero.

Palavras-chaves: Padre Cícero; Memória; Nordeste; Religião Popular; Regionalismo

ABSTRACT

When Father Cícero died in 1934, there were predictions that his followers would find another "miraculous" priest, and that as the Northeast modernized, its people no longer would believe in miracle-working priests. These predictions proved erroneous. This article emphasizes the power of cultural memory, changes in the Northeast's self-image, and new currents in religion in Brazil in preserving and enhancing Padre Cícero's stature.

Keywords: Father Cícero; Memory; Northeast; Popular Religion; Regionalism

* Professor Emérito da Universidade de Wisconsin, Parkside. E-mail: greenfie@uwp.edu.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Contos e histórias da vida e do legado de Cícero Romão Batista (1844-1934) são continuamente renovados, revisados e compartilhadas pelos dois milhões de romeiros que anualmente vão ao Juazeiro do Norte. Há também uma literatura volumosa, tanto popular como erudita, sempre crescente, tanto na forma de literatura de cordel, como em livros, artigos em revistas e jornais, música popular, filmes, novelas e peças, tendo o Padre Cícero como personagem central. As comunidades nordestinas em São Paulo e no Rio de Janeiro também continuam a celebrar seu padrinho, e nesta última cidade, a Feira Nordestina de São Cristovão, que há muito tempo tinha uma grande estátua de Luiz Gonzaga, em 2009 ganhou uma estátua do Patriarca do Nordeste. Visto por alguns como um precursor da Teologia da Libertação e da Igreja dos Pobres, a Igreja Católica no Nordeste agora fala na reabilitação, ou melhor, "reconciliação" dele com o Vaticano.

Comentando a morte do Padre Cícero, um obituário no *Correio de São Paulo* (21 de Julho, 1934, pág. 2) reconheceu o impacto dele nas massas pobres do nordeste e nos bandidos da área. Observou que o famigerado Lampião, o "Rei do Cangaço", era um dos seus inúmeros afilhados e que o Padre "abusou de seu prestígio" para se tornar rico. Um obituário no *Correio de Manhã* do Rio de Janeiro (21 de Julho, 1934, pág.3) disse que ele se tornou conhecido nacionalmente devido as suas atividades no Nordeste e que os crentes afirmavam que tinha poderes sobrenaturais. Falou também no impacto positivo dele sobre Juazeiro como fundador de escolas e promotor do desenvolvimento econômico da cidade. Mas, mesmo assim, dizia que era apenas mais um coronel, um chefe político que usou romeiros como capangas. O obituário explicou sua fama como reflexão da ignorância do povo do Nordeste, lugar remoto "onde a civilização chega lentamente" e previu que com a modernização da região o "culto" do Padre Cícero desapareceria.

Daniel Walker afirma que o Padre Cícero mesmo predicou: "Depois da minha morte é que Juazeiro irá crescer"¹. Uma profecia que se cumpriu.

Tal é a estatura contemporânea do patriarca de Juazeiro do Norte, que Sanchis, falando nas expressões "beatificação popular" e "pela voz do povo", notou a presença de imagens do Padre Cícero nas comemorações do Espiritismo e Umbanda. Descreveu-o como

¹ ALMEIDA, Daniel Walker de, *Padre Cícero na Berlinda*, Juazeiro do Norte, Edições IPESC, 1984, pág. 12.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

“um sacerdote visceralmente brasileiro, nordestino, coronel do sertão, curador, conselheiro, benfeitor, e acima de tudo, ‘padrinho.’”²

A memória cultural, identificado inicialmente por Maurice Halbwachs como memória coletiva³, é visto por Aleida e Jan Assmann como o mecanismo através do qual "a sociedade se inscreve ... com todas as suas normas e valores", e sugerem a existência de uma memória cultural em que as tradições são transmitidas pelas gerações⁴. Afirmam também o papel importante de religião e dos rituais religiosos na formação de uma "memória de ligação" que cria "uma identidade comum e um ponto de vista que se estende por várias gerações" ressaltando a importância de "festivais de lembrança coletiva" que podem produzir uma "matriz de memória"⁵. Memória, pode ser vista também como uma matriz epistemológica que revela várias interações, como, por exemplo, nos campos de religião e mídia⁶.

O ciclo de peregrinações a Juazeiro é um exemplo de tais festivais de memória cultural. Assmann também afirma que tais interações facilitam o desenvolvimento de uma narrativa central⁷. No caso dos romeiros e de outros afilhados do Padre Cícero podemos sugerir que estruturas sociais ou culturais de memória se tornam visíveis em narrativas, arte, música e performances⁸.

Climo e Cattell dizem que memórias coletivas "envolvem questões de normas culturais e de autenticidade, identidade e poder" e que "podem ser, e muitas vezes são, o foco de conflito e contestação, o que sugere que as memórias de diferentes grupos sociais podem discordar"⁹. Frazier salienta a "forma de memória" e "como ela produz emoções que podem motivar a participação de pessoas em projetos políticos"¹⁰. Estas perspectivas salientam uma qualidade importante das memórias: são compartilhadas entre pessoas cujas experiências de

² SANCHIS, Pierre, Desponta Novo Ator no Campo Religião Brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27 (2), 2007, 11-29, págs. 19 e 25.

³ ERILL, Astrid, 2011, *Memory in Culture*, trad. por Sara B. Young, Palgrave Macmillan, 2011, pág. 1

⁴ ASSMANN, Jan, *Religion and Cultural Memory. Ten Studies*. trad. por Rodney Livingstone, Stanford, CA, Stanford University Press, 2006, págs. 7-8.

⁵ ASSMANN, Jan, *Ibid.*, pág. 11

⁶ FORTUNATI, Vita, and Lamberti, Elena, "Cultural Memory: A European Perspective", em Eril, Astrid e Nunning, Ansgar, eds., *A Companion to Cultural Memory Studies*, Berlin e Nova York, De Gruyter 2008, págs. 127-137.

⁷ ASSMANN, Jan. Op. Cit.

⁸ Sobre este processo veja Eril, Astrid e Nunning, Ansgar, eds., *A Companion to Cultural Memory Studies*, Op. Cit, pág. 15

⁹ CLIMO, Jacob e Catell, Maria, G., eds., *Social Memory and History: Anthropological Perspectives*, Lanham, MD, Altamira Press, 2002, pág. 2.

¹⁰ FRAZIER, Lessie Jo, "Salt in the Sand": *Memory, Violence, and the Nation-State in Chile, 1890 to the Present*, Durham, NC, Duke University Press, 2007, pág. 4.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

vida são semelhantes. Claro é que os afilhados e apoiadores do Padre Cícero participam numa memória coletiva que não é compartilhada fora daquele círculo.

Falando no contínuo declínio econômico do Nordeste, que data dos meados do século XIX, Durval Muniz de Albuquerque Jr. usa a frase "a invenção do Nordeste" para explicá-la como função das relações de poder no Brasil, e observa que as representações simbólicas da região em termos de seca, banditismo, messianismo e lutas entre clãs familiares têm aparecido numa ampla variedade de mídias, criando uma descrição regional estigmatizante do Nordeste que também serviu como explicação do seu atraso¹¹. McCann identifica uma "ascensão do regionalismo nordestino" entre os anos 1920 e 1950, com a crescente migração de nordestinos para as cidades do sudeste, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo¹². O contraste entre um Sul moderno e progressivo, com grande centros de cultura e produção, e um Nordeste retrógrado, tornou-se um tropo da identidade regional no Brasil e parte de uma narrativa nacional que viu a civilização e a modernidade em termos como Sul versus Norte-Nordeste, e litoral versus interior, que implicou e explicou o atraso do sertão e dos sertanejos, e, portanto, da região.

O ciclo contínuo de secas impulsionou o desenvolvimento de uma agência nacional, a Superintendência de Estudos e Obras Contra os Efeitos da Seca em 1906, e durante a presidência do Paraibano Epitácio Pessoa (1919-1922) várias obras foram realizadas. Porém, mais uma grande seca, que durou de 1930-32, evidenciou a ineficácia desses esforços e criou uma associação indelével entre o Nordeste e as chamadas "indústrias da seca", o que implicou na utilização da seca como nada mais um artifício usado pelos corruptos para desviar e aproveitar dos recursos nacionais¹³.

Coincidente com esta consciência nacional das secas, apareceram outras classificações regionais. André Rebouças desenvolveu um mapa das regiões do Brasil¹⁴ que apareceram em 1889 no livro *Le Brasil*, de Santa-Ana Neri. A nação foi dividida em dez zonas e os Estados contemporâneos do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas

11 ALBUQUERQUE, Durval Muniz de, *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1999, pág. 3

12 McCANN, Bryan, *Hello, Hello Brazil: Popular Music in the Making of Modern Brazil*, Durham, NC, Duke University Press, 2004, págs. 113-114.

13 Por exemplo, veja Joaquim Alves, *História do Ceará, História das Secas (séculos XVII a XIX)*, Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 2003, e João Madeiros e Itamar de Souza, *Os Degredados Filhos da Seca. Uma análise sócio-política das secas do Nordeste*, Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

14 *A Seca nas Províncias do Norte. Propaganda no Jornal do Commercio, no Instituto Polytechnico, na Associação Brasileira de Acclimação e na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1877.

compreendiam a zona da Paraíba do Norte¹⁵. Em 1893, o geógrafo francês Elisée Reclus usou o termo "Costa Equatorial" para uma região que incluía todos os Estados nordestinos do Maranhão a Alagoas. O nome "Brasil Norte Oriental" apareceu em um texto de geografia em 1913 divulgadas em escolas em todo o Brasil¹⁶.

Antes de 1930, o termo "nortista" era mais comum que nordestino¹⁷, mas a agudização das secas, a crescente utilização do termo "Nordeste" facilitaram a associação permanente entre seca, pobreza e corrupção política.

Nesta altura, devemos voltar a Albuquerque que falando da década de 1920 a 1929 identificou "a emergência de um novo regionalismo que reflete várias formas de perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país", marcado por umas redefinições de vários assuntos como identidade, caráter nacional, raça e "novas formas de sensibilidade artística e cultural trazidos pelo modernismo... e novas concepções acerca de sociedade, da modernização e de modernidade"¹⁸. De lá para cá, a palavra "tradicional" ganhou o sentido de "atraso", e, então o termo "Velho Nordeste" implicou uma região atolada no passado.

Visto por este raciocínio, os "afilhados" do Padre Cícero representavam o Brasil que já era uma região atrasada que continuou a viver no passado. Nesta altura, sobretudo no Sul e nas cidades do litoral, as elites e a classe média emergentes julgavam os seguidores de Padre Cícero como ignorantes, crédulos e atrasados. Os intelectuais identificaram o atraso do Nordeste como resultado da natureza do seu povo. A narrativa da geografia regional e humana identificou o sudeste como civilizado e modernizador e o Nordeste como retrógrado¹⁹.

Catolicismo Popular

A veneração de Padre Cícero exemplifica crenças e práticas religiosas conhecidas como Catolicismo "popular". Pessar identifica esta tradição como "uma constelação de crenças e práticas que se desenvolveram entre o povo humilde em diálogo com, e as vezes em oposição, às doutrinas oficiais da Igreja Católica"²⁰. A religiosidade popular abrangia visões

¹⁵ GUIMARAES, Fábio de Macedo Soares, *Divisão Regional do Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

¹⁶ GREENFIELD, Gerald M. *The Realities of images, Imperial Brazil and the Great Drought*, Philadelphia, American Philosophical Society, 2002, pág. 105.

¹⁷ PERRUCCI, Gadiel, *A República das Usinas, Um Estudo de História Social e Econômica do Nordeste, 1889-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, pág. 92.

¹⁸ ALBUQUERQUE, op. cit., págs. 20, 40.

¹⁹ Veja LIMA, Nísia Trindade, *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*, Rio de Janeiro, IUPERJ, Editora Revan, 1999.

²⁰ PESSAR, Patricia R, *From Fanatics to Folk: Brazilian Millenarianism and Popular Culture*, Durham, NC, Duke University Press, 2004, pág. 23.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

messiânicas, peregrinações, inúmeros locais sagrados, a identificação de “pessoas santas” não formalmente designadas como tal pela Igreja, e a crença que os santos escolhiam pessoas para receberem visões ou revelações. Oliveira falou nas disparidades regionais no Brasil e identificou uma divisão religiosa análoga entre a religião "oficial" com uma liturgia e teologia bem definida e a “religião popular”, baseada em ritual e símbolos, e marcado por "festas de santos padroeiros, peregrinações, procissões e o culto dos mortos ", bem como a prática de fazer e pagar promessas e pedir bênçãos²¹. A característica dominante da religião popular é a sua ligação com as tradições culturais do povo. Pessar identifica mais um aspecto importante da tradição popular: uma pessoa poderia ser visto como "santa" através de um "processo de sacralização”, ou seja, “convenções culturais e operações simbólicas através das quais sertanejos produzem seus líderes carismáticos”²².

Uma forte identificação com a paixão de Cristo e a compreensão que nesta vida o sofrimento era um aspecto inevitável também marcaram as tradições culturais e religiosas do Nordeste. O mundo aparecia como uma teia de relações que ligava os vivos e os mortos. Peticionários solicitavam a assistência de santos, tanto aqueles formalmente reconhecidos como os eleitos pelo povo, prometendo fazer algo em troca como, por exemplo, ir em peregrinação para um santuário específico²³. A religião também teve grande importância na marcação dos ciclos de vida, de plantio e colheita. Em tempos de seca, liderados pelo padre da paróquia, os fiéis marchavam em procissão levando imagens de santos padroeiros.

Falando em romarias, Eduardo Diathy Bezerra de Menezes salientou “o que caracteriza ou particulariza as romarias do Juazeiro, reside no fato de serem elas praticamente criadas e sustentadas autonomamente pelo povo, até por muito tempo serem indesejadas e reprimidas pela Igreja oficial ou sua hierarquia”²⁴. Estas tradições do catolicismo popular proporcionaram uma abertura para os seguidores do padre Cícero, especialmente aqueles que iam em peregrinação a Juazeiro do Norte, para desempenhar um papel importante na construção de sua imagem como um sacerdote especial, um carinhoso padrinho e santo.

21 OLIVEIRA, Hermínio de, *Formação Histórica da Religiosidade Popular no Nordeste*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, pág.9.

22 PESSAR, Op. Cit., pág. 10.

23 Tal prática tradicional é retratada na peça *O Pagador de Promessas*, por DiasGomes, Riode Janeiro, Agir, 1961, e que apareceu no cinema em 1962 num filme dirigido por Ansemo Duarte.

24 MENEZES, Eduardo Diathy Bezerra de, “Romarias e o Juazeiro do Padre Cícero,” *P. Cíceo do Juazeiro. E... Quem É Ele?*” Anais do III Simpósio Internacional. Anais, Juazeiro do Norte, ed. Dumolin, Annette, Guimarães, Ana Teresa, e Forti, Maria do Carmo Pagán, Juazeiro do Norte, 2004, pág. 115.

Analisando os trabalhos dos poetas populares, Francisco Régis Lopes Ramos sugere que estes “poetas devotos recriaram a sacralidade de Juazeiro” e dotaram ela com o nome “Terra da Mãe de Deus”²⁵. E, baseada no análise de histórias contadas pelos romeiros, inclusive as dos moradores de Juazeiro, Slater observa: "O Padre Cícero que nós encontramos ...é um símbolo de resistência à opressão. Ele também é um amigo pessoal de confiança" ²⁶. E, Bruneau, afirma que existe "uma relação de reciprocidade na variedade de cliente/patrão" como característica de fazer promessas e procissões, e "a oferta de novenas e bênçãos"²⁷.

Juazeiro do Norte: Um *Lieux d'Mémoire*

Segundo Pierre Nora *lieux de mémoire* são:

lugares onde a memória se cristaliza em um momento histórico particular, um ponto de viragem em que a consciência de uma ruptura com o passado está ligado com a sensação de que a memória tem sido dilacerado, mas rasgou-se em tal forma a colocar o problema da personificação da memória em certos locais onde um sentido de continuidade histórica persiste²⁸.

Durante a vida de Padre Cícero, crentes de todo o Nordeste faziam peregrinações ao Juazeiro. Após a morte dele, observa Ramos, o Dia dos Finados: "*germinou um campo de Práticas marginalizadas, em louvor a um santo negado pela Igreja. Espaço: o túmulo em Frente do Altar principal e o Dia dos Finados, de modo simultâneo e ambíguo. Tudo constituído dentro e para fazer uma ordem eclesiástica*"

Em 1969, pela iniciativa do prefeito de Juazeiro, Dr. José Mauro Castelo Branco Sampaio, uma estátua enorme de Padre Cícero foi erguida na Serra do Catolé, uma montanha com vista para a cidade, num lugar conhecido como Horto, ou jardim, uma referência ao Monte de Oliveiras, onde Jesus rezou antes da crucificação, e conhecido como

25 RAMOS, Francisco Regis Lopes, Severino do Horto: A Voz Por Escrito. Pelejas de História, São Paulo, 22 junho, 2001, pág. 323. Veja também o artigo dele, “Crer para ver; merecer para pedir: o Padre Cícero na tradição dos devotos, em Carvalho, Gilmar de. org., *Bonito pra chover, Ensaios Sobre a Cultura Cearense*, Fortaleza, Edições Democrito Rocha, 2003, págs. 91-102.

26 SLATER, Candace, *Trail of Miracles: Stories from a Pilgrimage in Northeast Brazil*, University of California Press, 1986, p. 218.

27 BRUNEAU, Thomas C., *The Church in Brazil: The Politics of Religion*, Austin, University of Texas Press, 1982, pág. 26

28 Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire, *Representations* No. 21, Special Issue, Memory and Counter-Memory, Spring, 1989, págs. 7-24, trad. por Marc Roudebush.

um lugar preferido por Padre Cícero para a contemplação²⁹. Cordelistas como João do Cristo Rei desempenharam um papel importante na criação e difusão de um retrato positivo do Padre Cícero. Ele e outros cordelistas dotaram o Horto com uma importância especial na vida do Padrinho³⁰.

O monumento de 25 metros, quase a altura da Estátua de Liberdade em Nova York, perdia, no Brasil, apenas para o Cristo Redentor. A inauguração recebeu atenção nacional e virou um ponto focal para romeiros e símbolo icônico tanto para o Juazeiro como para o Padre Cícero. Como observado por Biett "Processos de lembrar sempre são reconstruções do passado orientadas para a ação, que são altamente dinâmicos e maleáveis por meio de comunicação e contexto"³¹. As peregrinações e a presença da estátua confirmavam o status de Juazeiro como, nas palavras de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, uma cidade "celestial"³², e reforçaram a associação indelével entre a cidade e o Padre, expreso na frase "O Juazeiro do Padre Cícero". E Aarons afirma que "Cada pequena cidade no Nordeste do Brasil tem pelo menos uma rua, ou farmácia, hotel, ou edifício em homenagem a Padre Cícero". Comenta ironicamente que o Padre Cícero "é tão onipresente quanto a seca"³³.

No Nordeste, a luta pela sobrevivência em um duro ambiente natural e a percepção de desrespeito e discriminação contra a região produziram uma auto-imagem regional informada por um sentido de luta histórica, tanto contra as injustiças da natureza quanto das instituições sociais. Isto tem contribuído para o cinismo dos sertanejos para com os poderosos. A memória cultural no Nordeste promoveu uma explicação das atitudes do Bispo contra Padre Cícero: ele falou por seu auto-interesse e por ter inveja de um sacerdote louvado pelo povo.

Segundo Della Cava na década de 1860 a Igreja Católica no Brasil, fortemente influenciada pela romanização, enfatizou a importância da criação da ortodoxia, tanto em

29 BRAGA, Antônio, *Padre Cícero. Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo*, Bauru, 2008, p.343.

30 Morador de Juazeiro desde 1930, ele escreveu seu primeiro cordel naquele ano, e ficou conhecido como o "Profeta de Juazeiro" e "O Poeta de Padre Cícero". Veja Lima, Marinalva Vilar de *Narradores do Padre Cícero, Do Auditório A Bancada*, Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, Programa Editorial, 2000.

31 BIETTI, Lucas, 'Towards a cognitive pragmatics of collective remembering', *Pragmatics & Cognition*, 20(1), 32-61, p.32. www.academia.edu/.../Towards_a_cognitive_pragmatics_of_collectiv... Accessed 17 January 2012.

32 BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar, *O Juazeiro Celeste. Tempo e Paisagem na devoção ao Padre Cícero*, São Paulo, Attar, 2007,

33 ARONS, Nicholas Gabriel, *The Politics and Poverty of Drought in Northeast Brazil*, Tuscon, AZ, University of Arizona Press, 2004, pág. 117.

crença como em prática³⁴. Por trás do movimento estavam as questões de formação sacerdotal, virtude, celibato, e as crenças e práticas religiosas consagradas no cristianismo popular, que destoavam com as doutrinas e práticas oficiais. A prevalência de práticas religiosas populares divergentes em todo o Mundo Católico levou o Papa Pio IX (1846-1878) a dar um novo vigor às reformas tridentinas, como tentativa de impor uma maior uniformidade de doutrina e práticas nas igrejas católicas³⁵. Em 1856, Papa Pio IX estabeleceu o dia de festa para o Sagrado Coração de Jesus como uma celebração oficial da Igreja.

Della Cava afirma que a romanização procurou "moldar um novo e zeloso sacerdócio, por meio do qual as crenças religiosas e práticas no Brasil podiam ser feitas em conformidade com a Romana, Católica e Apostólica fé de que a Europa era o portandarte," e "isso levou a um fluxo de padres europeus para o Brasil e o estabelecimento de seminários que se comunicavam à visão tridentina³⁶. Segundo Serbin, isto impulsionou o desencantamento do mundo³⁷. E as perspectivas e ações do primeiro bispo do Ceará, Dom Luis Antônio dos Santos (1860-1881), exemplificavam o impulso para a ortodoxia. Ele criou o primeiro seminário em Fortaleza, administrada pelos Vicentinos (conhecido como Lazaristas), uma ordem europeia fundada por São Vicente de Paulo.

A ênfase em ortodoxia pela Igreja Romanizada e sua visão da religião popular como práticas supersticiosas de povos incivilizados, conformaram com as atitudes das elites Brasileiras. No Ceará o Bispo Dom Luiz Antônio dos Santos compartilhava essas crenças e adotava uma postura que refletia a imagem da França como um centro de civilização. Ao invés de acolher o milagre como sinal da graça, ele rejeitou os resultados da comissão inicial e mandou uma nova comissão que produziu o resultado desejado. Nesta altura, a romanização triunfou e a Igreja aliou-se com a "Ordem e Progresso" das elites brasileiras que queriam criar um país moderno, civilizado e respeitado pelos europeus. A resposta da Igreja ao Padre Cícero refletia também seus interesses corporativos.

Os pobres do Nordeste sabiam que a Igreja era um poder que governava suas vidas e que, mesmo os párocos, se aliavam com os ricos e poderosos. Mas a memória cultural

34 DELLA CAVA, Ralph, *Miracle at Joazeiro*, New York, Columbia University Press, 1970, pag. 20. COMBLIN, José, *'People of God'* (Ed e trad. por Phillip Berryman, New York, Maryknoll, NY, 2004. Veja pág. 214, n. 40 que dá a data da início oficial da romanização 1889 com convocação do CELAM em Roma.

35 BRUNEAU, Thomas C., *The Church in Brazil: The Politics of Religion*, Austin, University of Texas Press, 1982, pág. 26. As raízes da Romanização estão no Concílio de Trento (1545-1563), como resposta às "heresias" protestantes associadas com Martinho Lutero.

36 DELLA CAVA, Op. Cit.

37 SERBIN, Kenneth P., *Needs of the Heart: A Social and Cultural History of Brazil's Clergy and Seminaries*, Notre Dame, IN, Helen Kellogg Institute for International Studies, University of Notre Dame Press, 2006, pág. 112.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

deles identificou e celebrou uns "sacerdotes do povo". Pessoas que tomaram seus votos a sério e se comportaram como verdadeiros homens de Deus. Alguns eram missionários que haviam se envolvido em atividades religiosas no sertão do Nordeste antes da chegada de Padre Cícero em Juazeiro. Na tradição popular e, mesmo na erudita, um deles, Padre Ibiapina (José Antônio de Maria, 1806-1883) é visto como um precursor de Padre Cícero.

Ibiapina abandonou a carreira de advogado para se tornar um missionário e estabeleceu casas de caridade de leigos e confrarias, compostas principalmente de sertanejos pobres. Seus membros normalmente usavam hábitos e formavam um elemento novo na paisagem religiosa do Nordeste. Apesar das suas boas obras, Ibiapina entrou em conflito com a hierarquia da Igreja, e, em 1863, Bispo Dom Luiz Antônio dos Santos proibiu-o de pregar em várias partes da província³⁸. Conhecido como "o defensor dos pobres", Arruda afirma que Ibiapina foi "perseguido pelo burocracia da Igreja", e "obrigado a deixar o Ceará". Enquanto Ibiapina era bem conhecido nas tradições populares do sertão, haviam outras memórias de missões e missionários de compaixão³⁹.

Apesar de sua formação sacerdotal Padre Cícero permaneceu um sertanejo porque e ele criou num ambiente místico com práticas tradicionais. Arruda observa que a qualidade mística no Padre Cícero foi observada pela maioria dos estudiosos, tanto apoiadores como detratores.⁴⁰ Ele também teve experiência pessoal com os impactos devastadores da seca. Um dos fatos tradicionais na memória de Padre Cícero nos anos antes do milagre é o seu comportamento durante a grande seca de 1877-1879, quando escreveu ao Bispo em Fortaleza pedindo assistência para aliviar o sofrimento do povo.

A tradição diz que Padre Cícero não tinha recursos para dispensar, mas tinha amplo conhecimento de plantas. Organizou o povo, ensinando-os a cultivar certas plantas, medicinais e terapêuticas, muitas das quais ainda são usadas pelos peregrinos e sertanejos. Apesar dos rigores da seca as "pessoas não teriam que migrar para outro lugar, e Padre Cícero "salvou quase todos."⁴¹

38 Sobre Ibiapina, veja o estudo clássico, Celso Mariz, *Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste*, Paraíba, Publicações Unitas Editora, 1942.

39 Exemplos de outros missionários são Frades Apolônio de Todi (1740-1820), e seu sucessor Serafim de Catania. Oliveira, *Formação*. Veja também Kenneth P. Serbin, *Needs of the Heart: A Social and Cultural History of Brazil's Clergy and Seminaries* (Notre Dame, IN: Helen Kellogg Institute for International Studies, University of Notre Dame Press, 2006, pág. 112).

40 ARRUDA, João, *Padre Cícero. Religião, Política e Sociedade*, Fortaleza, INESP, 2002, pág. 29).

41 Mozart Cardoso de Alencar, Discurso de inauguração do monumento ao Pe. Cícero, Juazeiro do Norte, 1969 págs., 150-51.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Padre Cícero recusou-se a deixar Juazeiro para outra paróquia, resultando na suspensão de suas ordens. Esta decisão foi vista por seus seguidores como o reflexo da sua devoção para com seu rebanho, e, até mais importante, como seu cumprimento de um comando que veio de Deus. A história, bem divulgada no Nordeste, é que dormindo depois de um dia difícil, Padre Cícero viu Jesus num sonho e os apóstolos sentados à mesa, como na Última Ceia. De repente, milhares de pobres, entraram na sala. Aos olhos do Padre Cícero eram retirantes cuja aparência refletia o tormento gerado pela seca. Jesus estava falando de sua preocupação com a falta de compaixão da humanidade, e de repente, olhou para o Padre Cícero, apontou para as massas de pobre famintas e disse: "Você Padre Cícero, toma conta deles." Este sonho tornou-se bem estabelecido na tradição oral e cordelista, e apareceu também em livros. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros escreveu que seu "único desejo era o de mitigar o sofrimento dos sertanejos infelizes que vieram a Juazeiro, como Jesus mostrou-lhe num sonho"⁴².

Este sonho, um elemento central na memória cultural do Padre Cícero, afirma sua posição como homem santo e "padre dos povos". Um homem que pensava nas massas humildes e agia como um bom pastor do rebanho. Um "verdadeiro homem de Deus" que foi castigado pela Igreja que servia os poderosos, mas nunca abandonou o povo.

No Nordeste, histórias e contos da vida e obra do Padre Cícero são informados por uma narrativa enraizada na tradição oral das massas: Padre Cícero acreditava no milagre porque sua fé lhe havia ensinado a acreditar no poder de Deus; a Igreja e o bispo rejeitaram o milagre porque ocorreu num lugar atrasado e aqueles que participaram e testemunharam eram pessoas humildes e honestas; Suas boas obras e a preocupação com o povo incomodaram os poderosos; Dom Joaquim José Vieira rejeitou a decisão da comissão que ele mesmo nomeou porque temia que o milagre fizesse a voz de Padre Cícero mais importante do que a dele; O bispo agiu da mesma maneira que seu antecessor em relação ao Padre Ibiapina, e era mais um exemplo de uma Igreja que sempre ficou no lado dos ricos e poderosos. Isso explicava a razão que o Padre Cícero, um bom pastor de um humilde rebanho, sofreu ao longo de sua vida, perseguido por uma Igreja ligada muito mais aos ricos do que aos pobres. Ele viveu de forma humilde, ao contrário de muitos sacerdotes e altos oficiais da igreja que adoravam

42 Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, "O Sesquicentenário: Cronologia Dum Mito?" in *Memorial. Revista Documentária dos 150 anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista*, ed. Geraldo Menezes Barbosa, Juazeiro, do Norte, Lions Clube, 1994, pág. 17.

Veja também "Do Ceará, Três Santos do Nordeste", *Revista Canudos*, Centro de Estudos Euclides da Cunha, v.1/1 1997, 37-54, pág. 50.

pompa e luxo. Quando a seca chegou, distribuiu comida e água em Juazeiro. Nunca abandonou seu povo sofredor⁴³.

Durante seu ministério Padre Cícero exerceu uma forte influência moralizadora. A vila pequena cresceu em população, riqueza e fé devido aos seus esforços de exercer uma influência positiva sobre os bandidos que percorriam a região, incluindo o mais feroz e famoso de todos eles, Lampião⁴⁴, pregando mensagens de fé e trabalho.

Além de cuidar das necessidades espirituais dos nordestinos, Padre Cícero se preocupava com o desenvolvimento de Juazeiro. Deu conselhos bons aos agricultores, estabeleceu indústrias artesanais e até é visto como um precursor do desenvolvimento sustentável. O Green Peace do Brasil fala nele como sendo o “Padrinho da Floresta” e nota os “11 Mandamentos de Padre Cícero para os Agricultores Preservarem a Natureza”⁴⁵. Ele é reconhecido como o fundador da cidade e seu primeiro prefeito⁴⁶. “Um fenômeno histórico - um padre humilde do sertão, de uma família humilde sitiada pelos poderosos do Estado e da igreja” que se tornou “uma das maiores presenças na história religiosa e civil do Nordeste”⁴⁷.

Como muitos nordestinos de origem humilde, o cantor Luiz Gonzaga (1912-1989) admirava Padre Cícero, e seu repertório incluiu canções sobre ele. Dada a sua grande popularidade, Gonzaga inspirou outros nordestinos a escrever e executar canções sobre Padre Cícero. A música dos cantadores e repentistas enfatizava as qualidades do Padre Cícero e também relatava as calúnias e insultos que sofreu. Por exemplo, “Os Sacrifícios do Santo Cícero”, uma música do repentista e cantor Rouxinol do Norte (José Luis da Silva), apresenta uma biografia do Padre Cícero, que salienta os quarenta e dois anos em que esteve proibido de pregar numa igreja ou celebrar missa. Mas, Padrinho Cícero permaneceu imperturbável: “Ele orou a Deus e aos verdadeiros santos” e cuidou de seu peregrinos. “Sua vida foi uma vida de sacrifício, e quando o criticaram ele nunca respondeu”⁴⁸.

43 Veja, por exemplo, Audifax Rios, *Padre Cícero, Pajé e Cacique. A sinuosa trajetória de Cícero Romão Batista, o guia temporal e espiritual do povo do Cariri*, Fortaleza, 2001, pág.33-34, e Arruda, João, *Padre Cícero. Religião, Política e Sociedade*, Fortaleza, 2002, pág. 54.

44 O cangaceiro tornou-se figura icônica na literatura e no cinema. Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), muitas vezes chamado o “rei” dos cangaceiros, gerou uma vasta literatura. Sobre a associação entre as memórias do Padre Cícero e Lampião veja Gerald M.Greenfield, “Lampião, Luiz and Padim Ciço: Three icons of the Brazilian Northeast, *Memory Studies*, 2 (2009, 3), pág. 393-410.

45 Cariri Cangaço, Padre Cícero, Greenpeace e Juazeiro do Norte. <https://cariricangaço.blogspot.cicero-greenpeace-e-todos-os.html>

46 A site da prefeitura afirma que “a cidade tem na figura do Padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e acontecimentos políticos do Cariri. Quando o sacerdote chegou em abril de 1872, cavalgando num jumento, era apenas um arraial com algumas poucas casas de tijolos e uma rústica capela”. In *História de Juazeiro do Norte*, <http://www.juazeiro.ce.gov.br/cidade/historia>.

47 Arruda, João. Casimiro, Renato. *Anais do seminário: 150 anos de Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, RCV Editoração e Artes Graficos, 1994.

48 *A Arte da Cantoria. Ciclo do Padre Cícero*, FUNART, 1988.

Gilberto Gil cantou "O Último Testamento do Padre Cícero ", que enfatizou a devoção do Padre Cícero para o povo e a pobreza na cidade:

Doença, miséria havia
Doutor nem tinha por lá
Nem remédio em Juazeiro
Só as coisas que Deus dá
Tinha erva pelo mato
Muita fé no coração
Pois isso já lhe bastava
Ao bom padre Cícero Romão
Muito doente sarou
Só de ouvir a pregação
Pelos conselhos o padre
Não cobrava nem tostão

Sua fama correu mundo
E vinham todos ouvir
Também em questões de terra
Cabia ao padre decidir
Era o padre homem de bem
Que a paz muito prezava
E os camponês armado
O padre sempre acalmava⁴⁹

A fé no Padre Cícero pelo povo nordestino reflete uma memória cultural que mostra a presença de uma amaração de memória criada e recriada pelas experiências comuns. Nas feiras, a música e a literatura de cordel falam em coisas cotidianas que incluem as injustiças que Padre Cícero sofreu nas mãos da hierarquia da Igreja, e então a História do padrinho como um injustiçado continua. Claro é que o movimento contemporâneo para “reconciliar Padre Cícero com a Igreja é informado e sustentado pela fé popular, pela Teologia da Libertação e um ambiente religioso competitivo, no qual os evangélicos, principalmente pentecostais e várias religiões afro-brasileiras têm mostrado grande vitalidade. E, como sempre, há vantagens econômicas e políticas em jogo. Mas, mesmo assim, é a relação íntima entre o povo e o seu padrinho, fortalecida pela crença que ele entendeu seus desafios e tristezas, que explicam a devoção mostrado pelos sertanejos e o interesse de muitos intelectuais em revisar e divulgar a narrativa da vida e legado do Padre Cícero.

Para milhões de pessoas no Nordeste e em comunidades de migrantes nordestinos em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades fora da região, o Padre Cícero é um santo,

49 Testamento do Padre Cícero, 1996. Letra de Augusto Bol e música de Gilberto Gil. Ele também gravou sua versão de “Viva Meu Padim”, uma canção de Luis Gonzaga.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

canonizado pelo povo. Esta formulação captura um aspecto crítico da sua memória durável: a percepção que ele era um “sacerdote do povo” que entendeu e abraçou a experiência dos sertanejos e participou na sua rica e autêntica cultura, e que hoje em dia ainda cuida deles. Além disso, sua luta com a hierarquia da igreja refletiu a luta do povo do Nordeste pela justiça numa região dominada por grandes proprietários de terras, corruptos funcionários públicos, e uma igreja institucional que apoia os poderosos. E as narrativas do nordestinos, sejam orais ou escritas, afirmam que este sacerdote excepcional sofreu muito porque sempre manteve sua missão sagrada de cuidar dos pobres, espiritualmente e materialmente, apesar dos desafios e decepções que sofreu por causa da aquela missão. E, hoje no céu, continua a cuidar do seu povo.